



VAISHNAVISMO, RELAÇÃO SUSTENTÁVEL ENTRE SERES HUMANOS E A NATUREZA: RESGATANDO VALORES ANCESTRAIS PARA ENFRENTAR A CRISE CLIMÁTICA

LISABELLY JOVENTINO SILVA BONFIM ¹⁹

RESUMO

Este artigo investiga o Vaishnavismo, uma tradição espiritual hindu, como fundamento para uma relação sustentável entre humanidade e meio ambiente, propondo uma reflexão decolonial e ancestral sobre a ética ambiental. Metodologicamente emprega-se a análise de maneira crítica, analítica e comparativa de fontes primárias (Bhagavad Gita, Rig Veda e Mahabharata) e fontes secundárias (JAIN, 2011), a fim de repensar como a relação humano-natureza nessa filosofia, desvinculada de dogmatismos religiosos, pode oferecer uma bioética global voltada à sustentabilidade, contrapondo-se ao capitalismo predatório, à colonização e ao orientalismo. A análise indica que o Vaishnavismo compreende a natureza como sagrada, promovendo valores que equilibram o desenvolvimento humano com a preservação ambiental. Os resultados demonstram que essa visão pode ser resgatada e aplicada de forma secular para enfrentar desafios ecológicos atuais. A discussão final propõe o Vaishnavismo como ética ambiental baseada em interdependência, sacralidade e cuidado, que pode ser resgatada e aplicada de forma secular para enfrentar a crise climática.

Palavras-chave: Vaishnavismo, Hinduísmo, natureza, valores, ser humano

ABSTRACT

This article investigates Vaishnavism, a Hindu spiritual tradition, as the foundation for a sustainable relationship between humanity and the environment, proposing a decolonial and ancestral reflection on environmental ethics. Methodologically, the analysis is used in a critical, analytical and comparative manner of primary sources (Bhagavad Gita, Rig Veda and Mahabharata) and secondary sources (JAIN, 2011), in order to rethink how the human-nature relationship in this philosophy, disconnected from religious dogmatism, can offer global bioethics focused on sustainability, opposing predatory capitalism, colonization and orientalism. The analysis indicates that Vaishnavism understands nature as sacred, promoting values that balance human development with environmental preservation. The results demonstrate that this vision can be rescued and applied in a secular way to face current ecological challenges. The final discussion proposes Vaishnavism as an environmental ethic based on interdependence, sacredness and care, which can be rescued and applied in a secular way to face the climate crisis.

Key words: Vaishnavism, Hinduism, nature, values, human being

¹⁹ Graduanda do curso de Licenciatura em História na UFRPE.



INTRODUÇÃO

A crise climática (FOLADORI, 1999) é um dos maiores desafios da humanidade no século XXI, resultado direto de séculos de exploração predatória dos recursos naturais, impulsionada pelo capitalismo, e pela lógica colonial de dominação da natureza. Enquanto o mundo busca soluções tecnológicas e políticas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, pouca atenção tem sido dada às tradições culturais, espirituais, ancestrais e sobretudo orientais que, por milênios, promoveram uma relação harmoniosa entre seres humanos e natureza. Nesse contexto, o Vaishnavismo, uma das principais escolas filosóficas e vertentes do Hinduísmo, emerge como uma fonte valiosa de valores éticos e espirituais que podem inspirar uma nova ética ambiental.

Este artigo propõe que os valores Vaishnavas, como ahimsa (não-violência), dharma (dever) e bhakti (devoção), podem ser resgatados como ferramentas ecoespirituais para enfrentar a crise climática. No entanto, essa proposta enfrenta desafios significativos, como o legado do colonialismo e orientalismo, que distorceu e explorou as tradições indianas, e a lógica do capitalismo predatório, que prioriza o lucro sobre o bem-estar humano e ambiental.

Por fim, ao invés de apresentar o Vaishnavismo como uma solução religiosa, este artigo busca destacar seus princípios éticos como uma ética cultural resgatável, capaz de inspirar uma relação mais sustentável e compassiva com a natureza. Assim, para compreender como os valores Vaishnavas podem nos ajudar a pensar numa relação mais horizontal com o meio-ambiente, é necessário primeiro explorar suas raízes no Hinduísmo e sua visão sobre a relação humano-natureza.

HISTORICIZANDO O VAISHNAVISMO - VALORES E VISÃO GERAL

O Hinduísmo é uma das tradições religiosas mais antigas e complexas do mundo, caracterizada por sua pluralidade de práticas, filosofias e divindades, não possuindo um fundador único ou um texto sagrado central. Em vez disso, é uma teia diversa de crenças, práticas e textos que se desenvolveram ao longo de milênios. Os Vedas, textos sagrados mais antigos do hinduísmo, que datam de aproximadamente 1500 a.C, são considerados a base dessa tradição, eles contêm hinos, mantras e instruções rituais que refletem uma profunda reverência pela natureza e pelos ciclos cósmicos, moldando não apenas a espiritualidade de seus seguidores, mas também oferecendo uma visão ética e ecológica relevante para os desafios contemporâneos.

O Vaishnavismo tem suas raízes nos Vedas. Vishnu, uma das figuras essenciais da Trimurti²⁰, é mencionado como uma divindade inicialmente menor, associada à preservação e à

20 Trindade dos deuses principais do hinduísmo, Brahma, Shiva e Vishnu.



manutenção da ordem cósmica. No entanto, com o tempo, a figura de Vishnu ganhou maior proeminência, principalmente nos textos pós-védicos, como no texto sagrado Bhagavad Gita²¹. Foi nesse período que o Vaishnavismo se consolidou como uma tradição distinta, centrada na devoção a Vishnu e suas encarnações, Krishna e Rama, que descem à Terra para restaurar o Dharma, a ordem moral e cósmica, sempre que ela é ameaçada.

Em comparação, enquanto o Vaishnavismo promove uma visão de mundo que vê a natureza como sagrada e intrinsecamente conectada ao divino, a tradição cristã, especialmente em sua vertente protestante, consolidou uma ética mundialmente aceita que justifica a dominação humana sobre o meio ambiente em prol do lucro. Essa perspectiva, fortemente atrelada ao desenvolvimento do capitalismo, vê o trabalho árduo e a acumulação de riqueza não como fins em si mesmos, mas como responsabilidades sagradas para glorificação do Deus criação.

WEBER (2020), ao analisar a prática protestante, descreve como essa visão transformou a relação do ser humano com os bens materiais e a natureza. Para ele:

A ideia da obrigação do ser humano para com a propriedade que lhe foi confiada, à qual se sujeita como prestativo administrador ou mesmo como “máquina de fazer dinheiro”, estende-se por sobre a vida feito uma crosta de gelo. Quanto mais posses, tanto mais cresce se a disposição ascética resistir a essa prova o peso do sentimento da responsabilidade não só de conservá-la na íntegra, mas ainda de multiplicá-la para a glória de Deus através do trabalho sem descanso. (WEBER, 2020, p. 155)

A visão utilitarista, posiciona o ser humano no topo de uma hierarquia divina, onde a natureza é vista como um recurso a ser explorado para o benefício humano. A lógica capitalista, herdada da ética protestante, transformou a terra em uma mercadoria, desconsiderando seu valor intrínseco e sua sacralidade própria.

Em contraste, o Vaishnavismo não opera sob uma lógica hierárquica de superioridade humana. Pelo contrário, ele reconhece que todos os seres vivos possuem uma alma que é parte integrante do divino, promovendo uma relação de respeito e reverência para com todas as formas de vida. Enquanto o cristianismo, em sua interpretação tradicional, vê a natureza como algo criado por Deus para o usufruto humano, o Vaishnavismo, de forma mais horizontal, entende que a natureza é uma manifestação do próprio divino, e que cuidar dela é um dever espiritual e ético. Para entendermos melhor como a vertente Vaishna pode ser aplicada, é essencial destrinchar três principais valores que podem ser usados para pensar uma nova abordagem ecológica:

- O conceito de Dharma é central para o Vaishnavismo e para o hinduísmo como um todo,

²¹ Livro que faz parte do épico hindu Bhagavad Gita, relata um diálogo religioso entre o deus Krishna, oitava reencarnação de Vishnu, e o guerreiro Arjuna no campo de batalha



podendo ser entendido como o dever ético e moral que sustenta a ordem do universo. No contexto Vaishnava, o dharma não se limita às obrigações sociais ou religiosas, mas se estende à relação entre humanos e natureza. Os textos védicos e purânicos frequentemente destacam a sacralidade da natureza, como no Rig Veda 1.164.46, que afirma: माता भूमि पृथरोहं पृथविया (A Terra é a mãe, e eu sou o filho da Terra.). Essa visão reflete uma ética de reciprocidade e respeito, onde os humanos são vistos como guardiões da natureza, responsáveis por preservar seu equilíbrio.

- Outro conceito fundamental é o Athma, ou a alma eterna. De acordo com a filosofia hindu, o Athma é a essência imortal de todos os seres vivos, conectada ao Brahman, a realidade suprema. Tais ideias são reforçadas no Mahabharata²² (MENON, 2009) : “A floresta é o lar de todos os seres vivos. Destruir a floresta é destruir a si mesmo.” (Van Parva 5.45.36) . Essa ideia de interconexão entre todos os seres vivos é crucial para a ética ambiental Vaishnava. Se todos os seres compartilham a mesma essência divina, então prejudicar a natureza é, em última instância, prejudicar a si mesmo.

- A devoção, ou Bhakti, é o coração do Vaishnavismo. Diferente de outras tradições que enfatizam o conhecimento (jnana) ou a ação (karma), o Vaishnavismo coloca a devoção amorosa a Vishnu como o caminho principal para a liberação espiritual (moksha). No Bhagavad Gita, Krishna, uma encarnação de Vishnu, ensina que a devoção pura e desinteressada é a forma mais elevada de espiritualidade. Essa devoção não se limita a rituais ou orações, mas se estende a todas as ações, incluindo a relação com a natureza. A prática de Bhakti, portanto, pode inspirar uma conexão mais profunda e respeitosa com o meio ambiente, como visto em comunidades Vaishnavas que adotam práticas sustentáveis, como o vegetarianismo e a proteção de rios sagrados

Conceitos como dharma, athma e bhakti não são apenas relevantes para os devotos de Vishnu, mas podem ser resgatados como valores universais para repensar nossa relação com a natureza. Durante milênios, o respeito ao Dharma garantiu um equilíbrio entre consumo e preservação, refletido em costumes como o vegetarianismo, a proteção dos rios e florestas (SHENOY, 2016), e a organização econômica baseada na interdependência e na não exploração dos recursos naturais.

No entanto, a relação harmoniosa começou a ser desmontada com a chegada do colonialismo britânico, reconfigurando permanentemente a Índia sob uma lógica de mercantilização da terra e dos seres vivos. Antes de compreender essa ruptura, é necessário examinar como essas comunidades estruturavam seu vínculo com a natureza e de que forma seus hábitos contrastavam com a visão exploratória ocidental.

²² Épico hindu da literatura sânscrita, escrito entre os séculos IV a.C e IV d.C. Narra a história da grande guerra dos descendentes de Bharata, os primos Kurus e Pandavas. O Mahabharata também contém o Bhagavad Gita, diálogo entre o deus Krishna e o guerreiro Arjuna, um dos Pandavas.



HUMANOS E NATUREZA: UMA HARMONIA HISTÓRICA

A proteção do ambiente na tradição e cultura indiana remonta a milênios, como evidenciado pelos textos sagrados e práticas ancestrais. As tradições pré-coloniais védicas, ofereceram um dos exemplos mais antigos e sofisticados de uma relação simbiótica entre humanos e o meio ambiente. Esse vínculo era particularmente evidente nas tradições védicas da Índia, nas práticas espirituais do Vaishnavismo e nos modos de vida de comunidades como as sociedades védicas e o povo Bishnoi, que inspiraram movimentos de resistência como o Chipko. Essas sociedades desenvolveram sistemas de cuidado e preservação ambiental que se contrapunham à lógica de exploração que viria a ser imposta com a colonização.

Além dos Vedas, textos como o Arthashastra²³, o Ramayana²⁴ e o Manusmriti,²⁵ também abordam a conservação ambiental e a manutenção da ecologia florestal. O Bhagavata Purana, um dos dezoito principais textos purânicos, por exemplo, descreve a natureza como uma manifestação do divino, onde todos os seres vivos são influenciados pelos modos da natureza (gunas) - bondade, paixão e ignorância - e, portanto, devem ser tratados com respeito e cuidado. O Arthashastra, texto atribuído a Kautilya²⁶, delineava diretrizes para a conservação de florestas e da fauna, antecipando uma consciência ecológica que se mantém viva em certas comunidades indianas até hoje. Entre alguns exemplos nós temos:

A civilização do Vale do Indo, também conhecida como civilização Harappana, surgiu há cerca de 5000 anos e é um dos primeiros exemplos de uma sociedade que integrou o respeito ao meio ambiente em sua estrutura urbana e agrícola. Escavações arqueológicas realizadas lideradas por Sir John Marshall, em sítios como Mohenjo-Daro e Harappa revelaram a presença de infraestruturas avançadas, como sistemas de drenagem cobertos, banhos públicos (como o famoso “Grande Banho” de Mohenjo-Daro) e métodos eficientes de gestão de resíduos, que refletem uma preocupação com a higiene e a sustentabilidade. No entanto, estudos indicam que o desmatamento, a crescente demanda por madeira para a produção de tijolos e as mudanças climáticas, como a redução das chuvas, podem ter

23 Arthashastra é um antigo manual político indiano escrito por volta do século III a.C. O texto enfatiza a importância da preservação das florestas, da regulamentação da agricultura e da exploração sustentável dos recursos naturais como pilares para a estabilidade e prosperidade do reino. Embora tenha um viés pragmático, a obra reconhece que a relação entre governantes e a natureza deve seguir princípios de equilíbrio e racionalidade.

24 Ramayana é um texto épico da Índia antiga, O texto narra o exílio de quatorze anos do príncipe Rama, sétimo avatar de Vishnu, A maior parte dos seus acontecimentos ocorre em florestas, o que resulta em uma abundância de descrições de variados tipos de florestas, incluindo alpinas, decíduas, tropicais, semi-tropicais, florestas tropicais, florestas perenes sempre verdes, bem cuidadas, e assim por diante.

25 O Manusmriti ou Leis de Manu, é um antigo texto hindu em sânscrito (séculos II a.C. a II d.C.) que estabelece normas sociais, éticas e legais, incluindo o sistema de castas e deveres religiosos. É uma referência histórica, mas também criticado por reforçar desigualdades.

26 Kautilya, também conhecido como Chanakya ou Vishnugupta, foi um filósofo, professor e estrategista indiano do século IV a.C., famoso por ser o mentor de Chandragupta Maurya, fundador do Império Maurya. Ele é autor do Arthashastra, suas ideias influenciaram profundamente o pensamento político e administrativo na Índia antiga.



contribuído para o declínio dessa civilização.

Com o desenvolvimento da cultura védica (1500-500 a.C.), a relação entre humanos e meio ambiente passou a ser mais profundamente codificada nos textos sagrados. Os Vedas exaltavam os elementos naturais como sagrados e alertavam sobre os riscos do desequilíbrio ecológico. O Atharvaveda²⁷ (BLOOMFIELD, 1964), descreve a terra como uma mãe, enquanto os hinos do Rigveda²⁸ fazem referências a rios e montanhas como manifestações do divino. Durante esse período, surgiram também os primeiros códigos de proteção ambiental, como aqueles encontrados no Arthashastra, que estabelecia punições severas para crimes ambientais, como o corte ilegal de árvores ou a caça de animais sagrados.

O Charaka Samhita, um tratado médico datado de aproximadamente 900 a.C, já alertava sobre a necessidade de consumir água pura e manter um ambiente saudável, mostrando que a relação entre saúde e meio ambiente era bem compreendida. Da mesma forma, o Manusmriti, reforçava a necessidade de preservar a biodiversidade, afirmando que o corte de árvores e a destruição de plantas medicinais deveriam ser seguidos de penitência. A obra também pregava a não-violência como princípio fundamental, um conceito que se estendia não apenas aos seres humanos, mas a todos os seres vivos.

Nos Puranas, compilados entre os primeiros séculos da Era Comum, a conexão entre espiritualidade e preservação ambiental se intensificou. O Vishnu Purana e o Matsya Purana alertavam que a degradação ambiental resultaria na ruína da sociedade, estabelecendo que práticas como a caça deveriam ser evitadas. O Varaha Purana incentivava o plantio de árvores específicas como uma forma de evitar o sofrimento espiritual, reforçando a crença de que a manutenção do equilíbrio ecológico era uma responsabilidade coletiva e sagrada.

Os Bishnoi, comunidade Vaishnava formada por Shree Guru Jambheshwar, se destacam como um caso emblemático, mantiveram a tradição de reverenciar e preservar a paisagem natural como manifestação de Krishna. Fundada no século XV, a comunidade Bishnoi segue 29 princípios (bish significa “vinte” e noi “nove” em hindi), muitos dos quais estão diretamente relacionados à conservação ambiental. Eles proíbem o corte de árvores verdes e a caça de animais, e sua filosofia é baseada na crença de que todos os seres vivos possuem uma alma e, portanto, merecem respeito e proteção. A história dos Bishnoi ganha um cenário particular em comparação as outras comunidades ao ser marcada por eventos sangrentos como o Sacrifício de Khejarli em 1730 (Figura 1), quando mais de 300 membros

²⁷ O Atharvaveda é um dos quatro Vedas, os textos sagrados mais antigos do hinduísmo, composto em sânscrito por volta de 1200-1000 a.C. Diferente dos outros Vedas, que focam em hinos e rituais, o Atharvaveda contém encantamentos, fórmulas mágicas e práticas para cura, proteção, prosperidade e vida cotidiana.

²⁸ É o mais antigo dos quatro Vedas, consiste em uma coleção de mais de 1.000 hinos (suktas) dedicados a diversas divindades, como Indra, Agni e Varuna, e aborda temas como mitologia, rituais e filosofia.

da comunidade morreram ao abraçar árvores para impedir que fossem cortadas por ordem do marajá local.

Figura 1 - Ilustração do Sacrifício de Khejarli



Fonte: Meet the Bishnoi (2010)

SOHEL e NAZ, explicam:

Quando Amrita Devi Bishnoi, uma moradora da vila, foi alertada sobre a ameaça, ela e suas filhas tentaram impedir que os soldados cortassem as árvores abraçando-as enquanto proclamavam: “सर सटे रुख रहे तो भी सस्तो जान” (Se uma árvore for salva, mesmo que isso custe a cabeça de alguém, já valeu a pena.). Em um esforço para evitar que suas próprias árvores fossem cortadas, os moradores de Bishnoi próximos seguiram o exemplo de Amrita Devi e abraçaram as árvores Khejri na área. Os soldados ignoraram os apelos dos moradores, e 363 Bishnoi foram mortos, incluindo Amrita Devi e suas filhas. (ENVIRONMENT & SOCIETY PORTAL. 2024)

Esse ato de resistência ecoespiritual não apenas preservou as florestas, mas também se tornou um símbolo da luta pela proteção ambiental na Índia. Inspirando 200 anos depois, o movimento Chipko (Figura 2), de resistência pacífica, sobretudo ligado aos ideais ecosocialistas e ecofeministas. A ética Bishnoi, portanto, representa uma prática ancestral de sustentabilidade que antecipou em séculos os movimentos ecológicos modernos.



Figura 2 - Mulheres e meninas indianas abraçando uma árvore



Fonte: Quilombo invisível (2023)

Tal evento evidencia uma relação com a natureza que transcende o utilitarismo: preservar a floresta era preservar a própria vida. Esse mesmo princípio se observa em outras sociedades ancestrais, que viam o território como parte indissociável de sua existência, regulado por normas de reciprocidade e respeito.

Essas visões da natureza como parte inseparável da existência humana também está presente em textos mais populares da literatura hindu, como o Panchatantra²⁹. Um de seus shlokas³⁰ questiona a moralidade daqueles que destroem árvores e matam animais em busca de recompensas espirituais: “Ao cortar árvores e matar animais, se alguém espera ir para o céu, então qual é o caminho para o inferno?” Apesar das variações culturais e regionais, todas essas tradições compartilhavam princípios comuns: a não-agressão (ahimsa), a responsabilidade moral pela natureza e a busca pelo equilíbrio ecológico.

No entanto, essa relação começou a ser sistematicamente desestruturada com a chegada da colonização britânica. A partir do século XVIII, a lógica colonial transformou a Índia em um território de exploração econômica, onde as terras ancestrais foram apropriadas para a produção em larga escala de mercadorias destinadas ao mercado europeu. Florestas antes protegidas foram devastadas para dar lugar a monoculturas de exportação, enquanto comunidades que mantinham práticas sustentáveis foram marginalizadas. Esse processo não apenas destruiu ecossistemas, mas também impôs uma nova mentalidade que dissociava a natureza de seu caráter sagrado, reduzindo-a a um simples insumo econômico.

Ao analisar esse período, percebe-se que a colonização britânica não operou apenas sobre os recursos naturais, mas também sobre a própria concepção de mundo das populações

29 O Panchatantra é uma coleção de fábulas indianas antigas, escritas em sânscrito por Vishnu Sharma por volta do século III a.C. Dividida em cinco livros, a obra usa histórias com animais para ensinar lições sobre moralidade, estratégia e sabedoria prática.

30 Shlokas são versos ou estrofes poéticas, com métrica precisa, da literatura clássica india, escritos principalmente em sânscrito. Eles são amplamente utilizados em textos sagrados, filosóficos e literários, como os Vedas, os Upanishads, o Bhagavad Gita e o Mahabharata.



locais. O conhecimento ancestral, que garantia a coexistência equilibrada com o meio ambiente, foi desvalorizado e substituído por um modelo extrativista. Esse movimento não foi exclusivo da Índia: em diferentes partes do mundo, a imposição da lógica colonial fragmentou relações seculares entre povos e natureza, resultando em crises ambientais que reverberam até os dias de hoje.

Dessa forma, a passagem da Índia pré-colonial, com suas tradições ecológicas e espirituais, para o período da dominação britânica representa um marco na transformação da relação entre humanos e natureza. Esse rompimento não apenas alterou as paisagens físicas, mas redefiniu a maneira como a sociedade passou a enxergar o meio ambiente: de uma entidade viva e sagrada para um recurso explorável. A mudança de paradigma será explorada no próximo capítulo, onde se discutirá como a colonização britânica consolidou a lógica mercantilista, utilitarista e predatória que destruiu as bases ecológicas das sociedades tradicionais indianas.

COLONIALISMO, ORIENTALISMO E A DESTRUIÇÃO DA NATUREZA INDIANA

A chegada dos britânicos à Índia no século XVII marcou o início de uma transformação profunda nas estruturas sociais, políticas e econômicas do subcontinente. O domínio britânico (DURANT, 1995), formalizado a partir da atuação da Companhia das Índias Orientais e consolidado com a proclamação do Raj britânico em 1858, não apenas reorganizou a economia india, mas também alterou drasticamente a relação das comunidades locais com o meio ambiente. Com a imposição do modelo colonial, a lógica sustentável das culturas indianas foi rapidamente substituída por um paradigma extrativista, no qual a terra passou a ser vista como um recurso exclusivamente econômico, dissociado de seus significados espirituais e ecológicos.

Esse processo não ocorreu apenas no nível material, mas foi acompanhado por um discurso civilizatório que justificava a expropriação de terras e a destruição ambiental como parte do projeto.

Para esclarecer, ALLARD (2022) explica:

Não demorou muito para que os missionários da Inglaterra chegassem a uma conclusão sobre a Índia ao completarem suas primeiras visitas à região. [...] Para eles, cenas de adoradores se curvando diante de estátuas medonhas de algum deus ou deusa estranho eram o suficiente para serem consideradas um exemplo verdadeiramente grotesco de degeneração humana. Quando perceberam, no entanto, que tal adoração se estendia à de animais, rios, árvores e até mesmo objetos como pedras, eles tiveram certeza de que o povo da Índia estava inundado em uma cultura assustadora de ignorância, uma que estava, com certeza, imensuravelmente



abaixo de sua própria formação cristã. (HINDU AMERICAN, 2022)

A interação entre os colonizadores britânicos e a cultura hindu foi marcada por um choque de visões de mundo. O colonialismo europeu foi guiado pela ideia de que a terra deveria ser transformada em um “Jardim do Éden”, ordenado e produtivo, o que justificava a destruição de ecossistemas considerados “caóticos” e “imprevisíveis”. Tal desvalorização das práticas hindus serviu para justificar a imposição de um modelo colonial que desconsiderava as práticas locais e substituía os sistemas tradicionais de cuidado ecológico por um regime de exploração intensiva.

Ademais, enquanto o Vaishnavismo comprehende a natureza como sagrada e interconectada, promovendo valores de reverência e interdependência, a ética protestante capitalista dos colonos, como já apontado por Max Weber, via a natureza como um mecanismo previsível e controlável destinado ao uso humano. Carlos Walter Porto Gonçalves (2002) destaca que essa visão mecanicista da natureza, herdada da tradição científica ocidental, foi fundamental para justificar a exploração predatória dos recursos naturais. Ele argumenta que “A natureza, reduzida a um conjunto de recursos a serem explorados, perdeu seu caráter sagrado e passou a ser vista como um obstáculo ao progresso e à civilização.” (GONÇALVES, 2002, p. 45). A divergência entre as éticas ambientais hindu e cristã foi um dos pilares ideológicos da colonização britânica.

O objetivo central da administração colonial era reconfigurar a economia indiana para atender às demandas do mercado europeu, o que resultou na substituição de práticas sustentáveis por um modelo agroexportador, voltado à produção de monoculturas como chá, algodão e papoula. Essa nova estrutura econômica exigia um controle cada vez maior sobre os recursos naturais, levando à expropriação de terras anteriormente administradas por comunidades locais e templos. Como destaca POUCHEPADASS (1995), a política colonial tratou a terra como uma mercadoria, ignorando os sistemas de gestão coletiva e promovendo uma privatização forçada que resultou na concentração fundiária e no empobrecimento das populações camponesas.

A lógica colonial também se refletiu na legislação ambiental. O Indian Forest Act de 1865³¹, por exemplo, transferiu o controle das florestas para o governo britânico, proibindo comunidades indígenas e camponesas de acessarem áreas que antes utilizavam de forma sustentável e comunal. Segundo o documento:

31 O Indian Forest Act de 1865 foi uma legislação colonial britânica na Índia que estabeleceu o controle estatal sobre florestas para exploração comercial. Ele permitiu a criação de áreas florestais reservadas, restringindo os direitos tradicionais das comunidades locais. Essa política gerou conflitos e influenciou movimentos de resistência, como o Chipko. Foi revisado pelo Indian Forest Act de 1878.

Para a administração e preservação de quaisquer Florestas Governamentais ou de parte delas, os Governos Locais podem [...] estabelecer regras sobre os seguintes aspectos: [...] A regulamentação do modo como a madeira, sendo produto das Florestas Governamentais, deverá ser cortada, processada, coletada e removida; proibindo ou restringindo a queima de carvão vegetal e cal, bem como a pastagem de gado dentro dessas florestas [...] Todos os equipamentos utilizados na violação de quaisquer Regras feitas em conformidade com esta Lei, assim como toda a madeira ou outros produtos florestais que tenham sido removidos ou tentados ser removidos, marcados, transformados ou cortados em desacordo com tais Regras, serão confiscados. (INDIAN FOREST ACT, 1865, seção 4.)

O domínio britânico dos rios também se consolidou como um infortúnio construído com a colonização. O sistema tradicional de irrigação, baseado em tanques e canais comunitários gerenciados localmente, foi negligenciado em favor de grandes projetos hidráulicos destinados à irrigação de plantações comerciais. Essa política resultou em crises hídricas, já que a água passou a ser desviada para monoculturas, desabastecendo aldeias e ecossistemas inteiros. Como consequência, a desertificação e a degradação das terras aumentaram exponencialmente, tornando regiões outrora férteis em zonas de fome e miséria (Figura 3).

Figura 3 - Fome de Mandras, Índia



Fonte: William Willoughby Hooper Willoughby (1876)

Essas políticas não apenas comprometeram a segurança alimentar das populações locais, mas também resultaram na degradação dos solos e no aumento da vulnerabilidade das comunidades rurais diante de crises ambientais.

Adicionalmente, SHIVA (2003) descreve como a introdução de monoculturas de exportação, como o algodão e o chá, importada das práticas dos colonizadores, destruiu a agricultura tradicional e levou à degradação ambiental. Ela argumenta:



A destruição das florestas na Índia não foi um processo natural, mas um projeto deliberado do colonialismo, que transformou ecossistemas ricos e diversos em monoculturas voltadas à extração de recursos. Esse processo desestruturou comunidades inteiras, forçando-as a abandonar suas práticas sustentáveis para se adaptarem a um sistema econômico predatório. (SHIVA, 2003).

Os impactos da colonização britânica na Índia foram profundos e multifacetados. Antes da chegada dos britânicos, as mulheres desempenhavam um papel central na manutenção das práticas sustentáveis, sendo responsáveis pelo manejo de sementes, pela proteção de nascentes e pela transmissão de conhecimentos ecológicos ancestrais. Com a colonização, grande parte desses saberes foram desestruturados e esquecidos. Vandana Shiva (2021), em sua obra Ecofeminismo, descreve como as mulheres, que tradicionalmente desempenhavam papéis centrais no manejo dos recursos naturais, foram marginalizadas pela imposição de sistemas patriarcais e capitalistas. Ela destaca que “A despossessão das comunidades locais de suas terras e recursos, combinada com a introdução de sistemas agrícolas industrializados, resultou na perda de autonomia e na destruição de modos de vida sustentáveis” (SHIVA, 2021, p. 112).

Os impactos ambientais do colonialismo não foram revertidos com a independência da Índia em 1947. Pelo contrário, muitas das estruturas econômicas e administrativas impostas pelos britânicos continuaram a influenciar o desenvolvimento do país. O desmatamento intensivo, a poluição dos rios e a expansão da monocultura agrícola são legados diretos da colonização, agravados pela globalização e pela industrialização acelerada. Hoje, a Índia enfrenta uma das crises climáticas mais severas do mundo, com secas prolongadas, enchentes devastadoras e um colapso gradual da biodiversidade. Muitas das práticas sustentáveis defendidas por tradições como o Vaishnavismo foram relegadas ao passado ou vistas como incompatíveis com o desenvolvimento econômico moderno. Essa marginalização não se deve apenas a fatores internos, mas também a uma barreira cultural imposta pelo Orientalismo, que limita o reconhecimento da sabedoria ambiental indiana em nível global.

Apesar dos valores ancestrais presentes no Vaishnavismo e em outras tradições hindus, a ética ambiental hindu não é amplamente aplicada na prática mundial. SAID (2007), argumenta que o Ocidente construiu uma imagem distorcida do Oriente, retratando suas tradições como exóticas, atrasadas ou irracionais. Essa visão impede que práticas sustentáveis desenvolvidas na Índia ao longo de milênios sejam levadas a sério como soluções ecológicas viáveis para o mundo contemporâneo. O preconceito enraizado o cenário acadêmico contemporâneo e na política internacional faz com que conceitos



como ahimsa e a sacralidade da natureza (CARVALHO, 2008) sejam vistos apenas como expressões religiosas, e não como modelos éticos aplicáveis a uma bioética global.

Adesvalorização das filosofias ambientais da Índia não é apenas um resquício do colonialismo, mas uma estrutura ativa que continua moldando as decisões globais sobre sustentabilidade. Quebrar esse paradigma significa reconhecer que soluções para a crise climática não precisam vir exclusivamente do Ocidente e que sistemas tradicionais proeminente da ética de cuidado (BOFF, 2004) com o meio ambiente, como os do Vaishnavismo, podem oferecer respostas eficazes para os desafios ecológicos contemporâneos.

De forma geral, a colonização britânica na Índia representou uma ruptura profunda na relação entre os seres humanos e a natureza, substituindo práticas ancestrais de cuidado e reverência por uma lógica de exploração e dominação. A ética protestante cristã e a visão mecanicista da natureza forneceram uma base ideológica para essa transformação, legitimando a exploração dos recursos naturais e a subjugação das comunidades locais, é de suma importância decolonizar (DE SOUZA OLIVEIRA, 2025) tais conceitos e integrá-los no nosso dia a dia. No próximo capítulo, exploraremos como esses valores ancestrais podem ser resgatados e aplicados de forma secular para enfrentar a crise climática contemporânea.

VAISHNAVISMO E ECOESPIRITUALIDADE: IDEIAS PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

A crise ambiental global tem exigido respostas urgentes e transformadoras, que vão além de soluções técnicas e políticas. Nesse contexto, o ecoespiritualismo (BOFF, 2003) emerge como uma abordagem que integra a consciência ecológica com a espiritualidade, promovendo uma conexão profunda entre seres humanos e o meio ambiente. Essa perspectiva sugere que questões ambientais não podem ser separadas das práticas e crenças espirituais, especialmente no contexto do hinduísmo, onde a natureza é vista como sagrada e interconectada com todos os seres vivos. Dessa forma, a espiritualidade ecológica não apenas motiva o ativismo ambiental, mas também reconecta as pessoas à natureza por meio de crenças religiosas, promovendo um senso de responsabilidade e harmonia entre humanidade e meio ambiente.

Ademais, no âmbito hinduísmo, o conceito de dharma ecológico, conforme discutido por JAIN (2011), oferece uma base ética para essa integração. O dharma, mais do que um conjunto de regras religiosas, é um princípio que orienta a conduta moral e a responsabilidade para com todos os seres vivos. No contexto ecológico, o dharma se traduz em práticas de cuidado que buscam o equilíbrio entre o ser humano e a natureza, reconhecendo a interdependência entre ambos. Além disso, ele pode servir como um arcabouço ético que



transcende culturas, orientando ações sustentáveis e conscientes diferentes contextos, enfatizando a responsabilidade para com o meio ambiente como parte integrante da conduta moral.

Nesse sentido, as ecovilas Vaishnavas destacam-se como modelos práticos de como a filosofia Vaishnava pode ser aplicada na realidade, integrando espiritualidade, comunidade e sustentabilidade. Os pesquisadores Otávio A. Chaves Rubino dos Santos, Everaldo Fernandes da Silva e Ivan Nicolau Corrêa chamam atenção para a Ecovila Vraja Dhama, situada na cidade de Caruaru, como um exemplo concreto dessa aplicação. Nessa comunidade, práticas como agricultura orgânica, alimentação vegana, gestão consciente de recursos e educação ambiental são realizadas de forma integrada, promovendo um estilo de vida mais horizontal com a natureza. Essas ações não apenas preservam o meio ambiente, mas também reforçam a visão Vaishnava de que a Terra é uma extensão do divino, merecedora de cuidado e reverência. Segundo SANTOS, SILVA e CORRÊA:

Essas relações de cooperação parecem ser uma mensagem essencial dos Hare Krishna residentes na Ecovila Vraja Dhama, uma vez que porta epistemologias, saberes, maneiras de educação e de lidar e enxergar o mundo. A cultura do campo traz sua resistência ancestral que, desde seus primórdios até hoje, nos ensina que não precisamos de muito para viver, que o acúmulo exacerbado de bens materiais está adoecendo a sociedade, sob a lógica predatória da produtividade e do superávit. [...] fazermos um deslocamento da retina, de eixo, para não olharmos apenas a partir da invasão cultural trazida pelo urbano, do varão, do homem branco europeu que coloca a cultura camponesa como sendo arcaica e atrasada, que precisa ser destruída. Nessa perspectiva, vem o saber técnico e silencia esses saberes e também gera a expulsão da terra, destruição da cultura, a revolução verde, dentre outros aspectos. (SANTOS, SILVA, CORRÊA. 2021. p. 22)

Assim, ecovilas Vaishnavas, como a Vraja Dhama, oferecem um contraponto vital ao modelo ocidental predatório, baseado no acúmulo e na exploração desmedida dos recursos naturais. Ao valorizar saberes ancestrais e práticas comunitárias, essas comunidades mostram que é possível construir um futuro mais equilibrado e sustentável, inspirando uma transformação profunda na forma como nos relacionamos com o planeta e uns com os outros.

Por fim, contextualizando esse modelo, ENLAZADOR (2009) destaca que as ecovilas surgem justamente como uma resposta às crises socioambientais, combinando quatro dimensões essenciais: a social, a ecológica, a cultural e a espiritual. Essas comunidades buscam a



auto-sustentabilidade e o baixo impacto ambiental, promovendo práticas como produção local de alimentos orgânicos, uso de energias renováveis, bioconstrução, governança circular e educação ecológica. A Ecovila Vraja Dhama, ao integrar esses princípios com a filosofia Vaishnava, exemplifica como é possível conciliar tradição espiritual e inovação sustentável, celebrando a diversidade cultural e ecológica enquanto promove relações saudáveis entre os seres humanos e a Terra.

CONCLUSÃO

A crise climática é um reflexo direto de séculos de exploração predatória dos recursos naturais, impulsionada por uma lógica capitalista e colonial que prioriza o lucro em detrimento do equilíbrio ecológico. Diante desse cenário, o Vaishnavismo, com seus valores de ahimsa (não-violência), dharma (dever) e bhakti (devoção), oferece uma perspectiva ética e espiritual que contrasta radicalmente com a visão utilitarista ocidental. Enquanto a ética protestante e capitalista justifica a dominação humana sobre a natureza, o Vaishnavismo vê o meio ambiente como uma manifestação do divino, promovendo uma relação de respeito e interdependência. Essa visão, enraizada em práticas ancestrais como as dos Bishnoi e do movimento Chipko, demonstra que é possível viver em harmonia com a natureza, algo que foi sistematicamente destruído pela colonização britânica.

A colonização impôs uma lógica mercantilista que transformou a terra em mercadoria, desestruturando práticas sustentáveis e substituindo-as por um modelo extrativista. O Indian Forest Act de 1865, por exemplo, confiscou florestas e rios, marginalizando comunidades que dependiam desses recursos de forma equilibrada. A introdução de monoculturas e a privatização forçada da terra não apenas degradaram o meio ambiente, mas também romperam com séculos de sabedoria ecológica. A ética protestante, que via a natureza como um recurso a ser explorado, legitimou essa exploração, enquanto o Vaishnavismo e outras tradições hindus defendiam uma visão sagrada e interdependente do mundo natural. Esse choque de valores não foi apenas cultural, mas também estrutural, moldando as bases da crise ambiental que enfrentamos hoje.

Ecovilas Vaishnavas, como a Vraja Dhama, mostram que é possível resgatar esses valores ancestrais e aplicá-los de forma prática, integrando espiritualidade, comunidade e sustentabilidade. Essas comunidades promovem agricultura orgânica, gestão consciente de recursos e educação ambiental, oferecendo um contraponto vital ao modelo ocidental predatório. No entanto, a marginalização dessas práticas no cenário global reflete um preconceito enraizado pelo orientalismo, que desvaloriza saberes não ocidentais como “exóticos” ou “atrasados”. Essa visão impede que soluções ecológicas baseadas em



tradições como o Vaishnavismo sejam levadas a sério, perpetuando a dependência de modelos insustentáveis.

A crise climática exige uma mudança radical de paradigma, mas essa transformação não será possível sem uma crítica profunda ao sistema que a gerou. Enquanto o capitalismo globalizado continua a explorar a natureza em nome do progresso, é urgente questionar quem se beneficia desse “progresso” e quem paga o preço. O Vaishnavismo nos lembra que a verdadeira sustentabilidade não pode ser alcançada sem uma ética de cuidado e compaixão, mas essa mensagem só terá impacto se confrontarmos as estruturas de poder que perpetuam a exploração. Resgatar valores ancestrais não é um retorno ao passado, mas um chamado para repensar o futuro, desafiando a lógica predatória que nos trouxe até aqui. A crise climática é, acima de tudo, uma crise de valores, e só superaremos essa crise se estivermos dispostos a questionar as bases do sistema que a criou.

REFERÊNCIAS

ALLARD, Syama. How Hinduism’s relationship with nature can help solve the ecological crisis. 2022. Hindu American. Disponível em: <https://www.hinduamerican.org/blog/how-hinduisms-relationship-with-nature-can-help-solve-the-ecological-crisis> Acesso em: 3 de fev. de 2025

Bhagavad Gita. (Tradução de Carlos Eduardo G. Barbosa). São Paulo: Editora Mantra, 2018.

BLOOMFIELD, Maurice. Hymns of the Atharva-Veda: Together With Extracts From the Ritual Books and the Commentaries. Cosimo Classics, 1964. V. 42, (The Sacred Books of the East).

BOFF, Leonardo. Ética e Ecoespiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARVALHO, Isabel. A sacralização da natureza e a ‘naturalização do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. Ambiente & Sociedade. Campinas v. XI, n. 2 p. 289-305 - jul.-dez. 2008.



DE SOUZA OLIVEIRA, Elizabeth; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. *Boletim Historiar*, [S. l.], v. 8, n. 01, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456>. Acesso em: 12 fev. 2025.

DURANT, Will. *A História da Civilização I: Nossa herança Oriental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

ENLAZADOR, Thomas. Ecovilas e Comunidades Alternativas. In *Cultura de Paz*. UFPE 2009.

FOLADORI, G. . O capitalismo e a crise ambiental. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, [S. l.], n. 19, p. 31-36, 1999. DOI: 10.37370/raizes.1999.v.150. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/150>. Acesso em: 04 fev. 2025.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os Descaminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 2002.

GOOGLE ARTS & CULTURE. Deserving Objects of Gratuitous Relief <https://artsandculture.google.com/asset/deserving-objects-of-gratuitous-relief-0000/zAHHbNKUnLuxww> Acesso em: 11 de fev. de 2025.

JAIN, Pankaj. *Dharma and Ecology of Hindu Communities: Sustenance and Sustainability*. 1^a ed. Routledge, 2011.

MEET THE BISHNOI. Super Tree! < <https://bishnois.wordpress.com/2010/12/29/super-tree/> > Acesso em: 13 de fev. de 2025.

MENON, Ramesh. *The Complete Mahabharata Adi Parva*. Rupa Publications, 2009.

PARAMADVAITI, Swami B. A. *Vishnava Ecology: Body, Mind, and Soul in Harmony with Nature*. < <https://www.vrindavan.org/English/about/VaishnavaEcology.html> > Acesso em: 3 de fev. de 2025.

POUCHEPADASS, Jacques. *Colonialism and Environment in India: Comparative Perspective*. *Economic and Political Weekly*, vol. 30, no. 33, 1995, pp. 2059-67. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/4403103>. Acesso em: 3 de Fev. de 2025.

QUILOMBO UNIVERSAL. Colonialismo e destruição florestal na Índia (1988) <https://quilomboinvisivel.com/2023/01/19/colonialismo-e-destruicao-florestal-na-india/> Acesso em: 11 de fev. de 2025.

Rig Veda. *The Rig Veda: Na Anthology of One Hundred Eight Hymns*. Tradução de Wendy Doniger. Penguin Classics, 1981.



SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, O. A. C. R. dos; SILVA, E. F. da; CORRÊA, I. N. Ecovilas e educação sentipensante: Saberes e educação popular na Ecovila Vraja Dhama do movimento Hare Krishna. *Educação*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. e5/ 1-27, 2021. DOI: 10.5902/1984644440494. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/40494>. Acesso em: 14 de fev. de 2025.

SHENOY, Vikram Vishnu. Eco-Spirituality: Case Studies on Hinduism and Environmentalism in Contemporary India. 2016.

SHIVA, Vandana. Ecofeminismo. (Título original: Ecofeminism). São Paulo: Editora Luas, 2021.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente: perspectivas sobre a biodiversidade e a biotecnologia. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SOHEL, Amir; NAZ, Farhat. The Bishnoi: Revisiting Religious Environmentalism and Traditional Forest and Wildlife Management in the Thar Desert. *Environment & Society Portal*. Arcadia (Summer 2024), no. 10. Rachel Carson Center for Environment and Society.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 1^a ed. Edipro. 2020.